



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

O Prazer Sexual Feminino no Jornalismo da Revista Peteca¹

Monique Ryba PORTELA²

Claudia Irene QUADROS³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O prazer sexual feminino é tomado como objeto do dizer jornalístico na Sexyterapia, coluna da Peteca (1976-1983), revista pornográfica da editora Grafipar localizada em Curitiba, Paraná, para compreender os discursos do período em que a publicação circulou. A partir da leitura flutuante de 110 edições somada à análise de 14 reportagens, usando a Análise do Discurso de linha francesa como instrumento teórico-metodológico, foi possível concluir que a coluna apresentava uma visão subversiva sobre o sexo, engajada com os interesses sexuais femininos a partir do uso de fontes científicas como Shere Hite, Alfred Kinsey e Masters & Johnsons.

Palavras-chave: Jornalismo; Revista; Análise do Discurso; Sexualidade; Grafipar.

"Playboy dos pobres"

Os resultados apresentados neste artigo fazem parte da pesquisa de mestrado “Ela também tem direito ao orgasmo”: uma análise discursiva da coluna Sexterapia da revista Peteca (1976-1983)” em desenvolvimento no PPGCOM-UFPR. Aqui, resgatamos inicialmente a história da referida revista, que vendeu milhares de exemplares numa época que as pessoas também buscavam informação sobre sexo nesta publicação.

Em 1976, mais de 700 quilômetros distante do principal eixo editorial do Brasil — Rio de Janeiro e São Paulo — surgia a revista Peteca. Em formato de bolso e custando menos da metade do que as principais concorrentes da época, a revista foi a

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do Alcar Sul 8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia.

² Mestranda do PPGCOM-UFPR, na linha de Comunicação e Formações Socioculturais. E-mail: moniquerportela@gmail.com

³ Professora do PPGCOM-UFPR e orientadora desta pesquisa. E-mail: clauquadros@gmail.com



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

primeira publicação pornográfica da editora Grafipar, localizada em Curitiba, no Paraná. Depois dela, vieram mais de 40 outros títulos, quase todos eróticos⁴, que alçaram a Grafipar para o cenário nacional. De acordo com o Boletim Intercom publicado em abril 1980, a Grafipar era “a única editora até agora bem-sucedida na luta contra o verdadeiro monopólio exercido pelas editoras Abril, Bloch, Vecchi, Rio Gráfica e Três, no mercado das revistas eróticas” (p. 9). E foi assim que a Peteca, a pioneira, mais longeva e um dos carros-chefes da editora, ficou conhecida como a "Playboy dos pobres" — mas não acatou o título. Apesar do conteúdo, que apostava em uma mistura de 30% a 45% de ensaios eróticos com passatempos, charges e conteúdo informativo, todos relacionados à sexualidade, a revista, a partir de editoriais ou declarações de Faruk El-Khatib, empresário à frente da Grafipar, negava o título de pornográfica: considerava-se erótico-educativa. "A mulher é o champignon, pra dar molho, mas o cunho dela é educativo", afirmava El-Khatib (apud WINCKLER, 1986).

Para sustentar essa proposta, concebeu-se, desde a primeira edição, a Sexyterapia. A partir da posição de enunciação do discurso jornalístico e com base no discurso científico, a coluna tinha como propósito solucionar as dúvidas de leitores, que chegavam a enviar cerca de 300 a 500 cartas por mês para a redação, somente para as colunas de orientação. Entre dúvidas em relação à iniciação sexual masculina, como aumentar o desempenho sexual e como lidar com disfunções, não faltavam, também, dúvidas em relação aos corpos e desejos femininos: "Como conduzir a mulher ao prazer?", "Como é o orgasmo feminino?", "Lesbianismo: moda ou contestação?". A partir da constatação de uma diversidade de questionamentos sobre o corpo feminino, chegamos à questão-problema: como operam os discursos sobre o prazer sexual feminino tomado como objeto no dizer jornalístico na coluna Sexyterapia da revista Peteca? Para respondê-la, foi realizada uma análise temática com 110 números da

⁴ A exceção foi a "Atenção", revista mensal de informações gerais pensada para receber receita publicitária — o que não acontecia com as revistas pornográficas, que dependiam da venda direta ao leitor, por banca ou correspondência (INTERCOM, 1980).



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

revista, entre um total de 119 mapeadas, seguida da leitura discursiva de 14 reportagens que versavam mais enfaticamente sobre o prazer sexual feminino. A partir da aplicação do arsenal teórico- metodológico da análise do discurso de linha francesa (AD), concebida por Michel Pêcheux (1977, 1997a, 1997b, 2006), foram analisados os efeitos discursivos produzidos pelo uso do discurso jornalístico em diálogo com o discurso científico para desvelar como a coluna constrói a noção de prazer sexual feminino. Para nortear a análise, foram usadas as três perguntas heurísticas de Souza (2014): “Qual é o conceito-análise presente no texto? Como o texto constrói o conceito-análise? A que discurso pertence o conceito-análise construído da forma que o texto constrói?” (p. 24).

Com base em dois pontos identificados nas condições de produção da revista, levantamos hipóteses. Primeiramente, sendo uma publicação voltada prioritariamente ao público masculino, havia a expectativa de que ela estivesse engajada com os interesses específicos de seu público, priorizando o prazer sexual masculino na abordagem do ato sexual. Depois, considerou-se que foi apenas com a promulgação da Lei da Anistia, em 1979, com o afrouxamento da ditadura militar e a volta de mulheres exiladas ao Brasil, que as discussões acerca do prazer sexual feminino começaram a tomar corpo no país — diferentemente do contexto internacional, no qual o assunto já estava em pauta desde a década de 1960. Por conta da situação política nacional, o foco ao longo da década de 1970 estava centrado sobretudo na mulher trabalhadora (ROSEMBERG, 2012; BARSTED, 2019). Assim, era esperado da Sexyterapia um discurso em consonância com as ideologias hegemônicas.

O que se constatou, porém, foi uma defesa ativa dos interesses sexuais das mulheres. Partindo de uma perspectiva feminina sobre o ato sexual, a Sexyterapia aborda o tema levando em consideração dois pontos principais: o machismo do homem brasileiro e a repressão sexual que recai sobre as mulheres. Essa abordagem busca justificar-se em fontes científicas, cuja escolha é, em si mesma, um gesto ativo de



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

construção da informação que o jornalismo busca dissimular a partir do que chamamos de efeito de objetividade, verdade ou real (SCHWAAB, ZAMIN, 2014; MOTTA, 2007). Mas como nos mostra a AD, não há discurso sem ideologia. Assim, ao mergulhar na análise das principais fontes usadas pela coluna — Shere Hite, Alfred Kinsey e Masters & Johnson, respectivamente — identificamos que a coluna os articula de forma a evidenciar seu caráter transgressor a favor dos interesses sexuais de minorias de poder, especialmente mulheres e homossexuais.

Assim, a análise discursiva mostrou que a construção do prazer sexual feminino na Sexyterapia se dá em consonância com dois discursos principais. Primeiramente, o da sexologia, em sua busca por "substituir a coerção pela informação correta" (CHAUÍ, 1986, p. 171), além de pautar-se na noção de "democracia sexual", típica da sexologia dos anos 1970, como ponto de partida para as suas discussões. Isto é: homens e mulheres devem ter os mesmos direitos ao prazer sexual. Mas ao reconhecer e detalhar a posição subalterna das mulheres nas relações sexuais — que, de acordo com a revista, fingem um prazer que não sentem e precisam lidar com uma educação sexual repressiva que as afastam dos saberes sexuais —, além de reconhecer posição dominante do homem, a partir de uma perspectiva que condena essa posição ao caracterizá-la negativamente enquanto machista, a coluna também dialoga com o discurso feminista, com o qual se alinha a partir do interdiscurso, mesmo que na superfície linguística por vezes use o termo "feminista" de forma negativa, evidenciando o pressuposto teórico da AD de que "enunciação não é discurso" (SOUZA, 2014 p. 32).

REFERÊNCIAS

- BARSTED, Leila Linhares. Legalização e descriminalização: dez anos de luta feminista. p. 179 - 212. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, RJ. p. 163 - 178, 2019.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: editora



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

brasiliense, 6. ed., 1984.

INTERCOM. **Boletim Intercom**. São Paulo, SP: n.19, abril de 1980. Disponível em <<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PINTESP041980019.pdf>>. Acesso em abril de 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

PÊCHEUX, Michel (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET & HAK(org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997a, p.61-162.

_____ (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997b, p. 163-252

_____. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1977.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.333-359.

SCHWAAB, Reges Toni; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Revista Vozes e Diálogo**, v. 13, n. 01, p. 83-92, 2014.

SOUZA, Sérgio A. F. **Análise de discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: Census, 2014.

WINCKLER, Carlos Roberto. **Pornografia e sexualidade no Brasil**: da repressão à sublimação. Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, 1983.

FONTES CONSULTADAS:

Peteca, números: 1, (...) 116, com exceção dos números 21, 41, 42, 43, 83, 108. Grafipar, Curitiba, Paraná, 1976 - 1983.